

## A ESPECIFICIDADE DO ACERVO E AS DEMANDAS DO PÚBLICO DO MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO – EU NÃO SABIA QUE CASAMENTO ERA FOLCLORE

### THE SPECIFICITY OF THE COLLETION AND THE DEMANDS OF THE PUBLIC OF EDISON CARNEIRO FOLKLORE MUSEUM – I DID NOT KNOW THAT MARRIAGE WAS FOLKLORE

Ana Cretton, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) – IPHAN,  
difusao.folclore@iphan.gov.br

**Resumo:** O texto apresenta reflexões sobre a relevância das diferentes perspectivas conceituais a respeito de cultura, patrimônio e memória, na interação museu-escola a partir das ações educativas desenvolvidas em museus. Problematisa-se o distanciamento entre o patrimônio cultural institucionalizado e as experiências cotidianas dos estudantes e professores, com base na demanda do público escolar que frequenta o Museu de Folclore Edison Carneiro e outras exposições do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, ressaltando-se a necessidade de legitimação dos saberes culturais locais e maior conexão entre essas práticas e a produção de conhecimento formal.

**Summary:** The text reflects on the relevance of different conceptual perspectives about culture, heritage and memory in their interaction with museum and school as supportive to educational actions in museums. It is also problematized the gap between institutionalized cultural heritage and the daily experiences of students and teachers, based on the demand from public school audience that visits the Museu de Folclore Edison Carneiro and others exhibitions of the Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, emphasizing the need for legitimacy of local cultural knowledge and greater connection between these practices and the production of formal knowledge.

**Palavras-chave:** Museu; educação; cultura popular; formação de professores; produção de conhecimento.

**Keywords:** Museum; education; popular culture; teacher training; production of knowledge.

A observação do estudante, *Eu não sabia que casamento era folclore*, na epígrafe acima, pode nos ajudar a pensar nas questões conceituais que envolvem a especificidade do acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC), segundo a memória construída nas instituições de ensino, a respeito da cultura popular e o olhar da instituição cultural quando propõe suas exposições e ações educativas. Com base na demanda do público, o programa educativo do CNFCP vem tentando ampliar as noções de folclore e cultura popular junto aos professores visitantes do MFEC e/ou usuários dos projetos educativos institucionais, criados no início da década de 90. Carlos Rodrigues Brandão, no programa *Salto para o futuro*, resume bem as questões com as quais lida o programa educativo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) na relação com o público escolar, sugerindo aos educadores alternativa de desconstrução da visão do folclore como "exótico", "típico", "regional", "pitoresco", "rural", "anônimo" e "antigo": Evite lidar com as nossas culturas populares como se elas fossem acontecimentos alienígenas que cabem em dias de festa ou na 'Semana do Folclore', em agosto" [...]. Toda a comunidade é um lugar vivo e dinâmico de agentes singulares e de grupos culturais criadores da vida cultural do lugar. Escolas públicas que iniciaram a montagem de programas de cursos de "pesquisas na comunidade" descobriram, com feliz espanto, o quanto havia "ali" de verdadeiros artistas, mestres e "sábios do lugar". Por que não trazê-los para dentro da escola e da sala de aulas? E não como "peças" pitorescas e exóticas a serem vistas e esquecidas, mas como representantes do saber, sentir e viver criativo da "gente do lugar" (BRANDÃO, 2008, p. 27). É dessa perspectiva que fala Lygia Segala, antropóloga, pesquisadora que atuou no CNFCP nos anos 80 e atual docente da Faculdade de Educação da UFF, quando ela afirma que "é fundamental a abertura das escolas para os saberes locais e expressões populares, instigando projetos de aprendizagem recíproca, de circularidade de

saberes, recontextualizando e complexificando o processo de produção do conhecimento” (2005, p. 108). E as ações educativas do CNFCP caminham nesse sentido quando propõe às escolas esse olhar sobre as culturas populares. No texto, *Por uma educação antropológica: comparando as ideias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire*, Maurício Souza dá ênfase a um ponto crucial do pensamento desses dois pesquisadores: “a necessidade de professores e antropólogos respeitarem sempre o 'saber-fazer' comunitário já previamente adquirido por seus respectivos outros, sejam eles alunos ou 'nativos’”. Afinal, “não cabe mais ao professor perceber os estudantes apenas como seres de cognição, mas também como seres socioculturais, enigmas em constante transformação” (SOUZA, 2006, p. 489 e 495). Reflexão alinhada com a prática de Paulo Freire, já amplamente conhecida: “O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. [...] E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo” que precede sempre a 'leitura da palavra'” (FREIRE, 1997, p. 10). Nos livros de opinião dos visitantes do Museu de Folclore Edison Carneiro, há comentários que sinalizam leituras do folclore e da cultura popular atrelados a conceitos há muito revistos pelo campo de estudos dessa área mas que ainda são reproduzidos discursivamente pelo senso comum. Os comentários evidenciam compreensões que identificam o folclore ao passado e não a cultura viva e em permanente transformação: *É muito interessante e importante, sentimos a impressão de voltarmos no tempo de nossos antepassados* (maio de 2007 a março de 2008, p. 5). *Uma verdadeira máquina do tempo* (março a novembro de 2008, p. 92). Outra associação recorrente atrela o folclore as manifestações rurais e regionais: *Isso tudo demonstra que num lugar no meio da cidade ainda existe uma roça. Uma roça cultural!* (maio a dezembro de 1997, p.95). *Um ótimo passeio pelo interior do Brasil* (janeiro a junho de 2004, p. 4). *É impressionante a beleza, o misticismo, a alma interiorana e todas as manifestações artísticas que enaltecem as peculiaridades regionais brasileiras* (outubro de 2004 a junho de 2005, p.59 verso). Aos saberes populares são associados também categorias como “saber espontâneo”, “puro”, “genuíno”, “de raiz” e “desprovido de reflexão”: *É maravilhoso ver a arte que nasce em qualquer canto do país, sem aprendizado algum!* (novembro de 2008 a junho de 2009, p. 82 verso). *Divina pureza e essência* (março a novembro de 2008, p. 26). *Uma viagem inesquecível a nossas raízes* (agosto de 2002 a janeiro de 2003, p. 22 verso). *Os últimos vestígios das nossas origens* (agosto de 1999 a janeiro de 2000, p. 98). A partir de sua experiência como atual docente da Faculdade de Educação da UFF, Lygia Segala afirma: “Conversando com professores do ensino fundamental, percebe-se, ainda hoje, que predomina nos planejamentos de curso esse projeto de “atrações nostálgicas”: o uso do folclore como recurso didático e divertimento” (2005, p. 108). Pouco se incorpora nos trabalhos das discussões sobre Cultura Popular desenvolvidas nas últimas décadas pela Antropologia e pela História Cultural. Folclore é festa de agosto que consagra, ainda hoje, o “típico”, as regiões culturais (folclore da região norte, do sudeste...) há muito desconstruídos, teórica e empiricamente, pelos processos de migração interna, pelas novas tecnologias, os meios de comunicação de massa, a lógica de globalização cultural (SEGALA, 2000, p. 66). A experiência de Segala traz à tona outra questão fundamental, conforme sinaliza acima e reafirma em texto mais recente: “As pesquisas de ponta da Antropologia e da História Cultural ainda estão longe dessas salas de aula, inclusive das de formação de professores” (2008, p. 2). Há, portanto, uma dimensão do problema que desafia o alcance das ações educativas do CNFCP já que diz respeito a falhas na formação dos professores que, segundo vimos, ainda não incorporou “as pesquisas de ponta da Antropologia e da História Cultural”. Para além das técnicas ou métodos eleitos e para além das diferentes denominações que o educador de museus vem recebendo (guia, monitor, mediador, etc.), Maria Célia Santos indica que o importante, nas ações educativas em museus, além de clareza sobre as concepções de educação e de museologia “adotados pelos sujeitos sociais envolvidos”, esses projetos precisam também ser flexíveis aos contextos em que estão inseridos: devendo, pois, ser adaptados aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificados e enriquecidos com a nossa criatividade, com a nossa capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e de reflexão, no qual teoria e prática estejam sempre em interação (SANTOS, 2008, p. 128). Além de propor essa auto-

avaliação permanente, Maria Célia, museóloga, mestre e doutora em educação, com larga experiência no campo da educação e de museus, traz a baila outra questão pertinente e inquietante: “o conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como ‘um local onde se guarda coisas antigas’, sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, [...] sem nenhuma relação com a vida, no presente”. Essa leitura da instituição museal instaurou-se em nossa memória, constituindo-nos e trazendo consequências ainda mais complexas. “Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos” (SANTOS, 2008, p. 132-133). A maneira como a escola entende essas categorias é um dado de suma importância na investigação do diagnóstico! O que foi que o museu fez, ou deixou de fazer, para a construção dessa memória? E, no caso específico do acervo do Museu de Folclore, que marcas contribuíram para a recorrência de certos discursos? *Eu não sabia que casamento era folclore!* Se hoje o objetivo é buscar uma aproximação entre museus e público escolar, como vencer o fosso que se criou? Que possibilidades e estratégias estão sendo feitas nesse sentido?

### Referência Bibliográfica:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura, culturas, culturas populares e a educação*. In: Salto para o Futuro. Programa especial/ Documentário: cultura popular e educação. TV Escola. Disponível em: [http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2007/pedcpe/071015\\_culturapopular.doc](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2007/pedcpe/071015_culturapopular.doc)> Acesso em: 06 out. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Access, 2003.

SANTOS, Maria Célia. Museu e Educação: conceitos e métodos. In: \_\_\_\_\_. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p. 125-146.

SEGALA, Lygia. Uma dinâmica de reinvenção das culturas populares. In: *Seminário de Políticas Públicas para as culturas populares*. Anais... São Paulo: Instituto Polis; Brasília: MinC, p. 107-109, 2005.

\_\_\_\_\_. *Identidade, educação e patrimônio: o trabalho do Laboep*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=522>> Acesso em: 06 out. 2008.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as ideias de Bronislaw Malinowisk e Paulo Freire. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED; Autores Associados, v. 11, n. 33, set./dez. 2006.